

2 A FORMAÇÃO DOS ALFABETIZADORES: DA FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA A UMA APRENDIZAGEM REFLEXIVA CONTINUADA

Maria Mercedes Capelo Alvite⁴

Maria Teresa Albuquerque Guimarães⁵

*se alguém perguntar
pelos nossos velhos sonhos
não diga nada
os nossos velhos sonhos estão guardados
para o dia do futuro
em que serão colhidos da terra amarga
como flores*

Horácio Dídimo

O programa Alfabetizar(se) teve como objetivos centrais: a alfabetização de jovens e adultos da região metropolitana de Fortaleza e a formação de alfabetizadores selecionados de cursos do Centro de Humanidades e da Faculdade de Educação da UFC.

Este capítulo descreverá como a formação dos alfabetizadores foi estruturada e desenvolvida. Serão explicados como se deu a primeira parte dessa formação – o curso intensivo – e como se desenvolveu, ao longo da experiência, o que se chamou de formação continuada.

A proposta do programa era formar os alfabetizadores para que, no processo de alfabetização de jovens e adultos, executassem uma prática reflexiva voltada à compreensão da importância da leitura e da escrita na leitura do mundo, ao exercício da cidadania, da autonomia, ao desenvolvimento da auto-estima, ao reconhecimento de direitos e a um processo de alfabetização que possibilitasse aos

⁴ Mestre em Psicologia da Educação (PUC – SP) e Professora Adjunta da FACED (UFC).

⁵ Mestre em Economia (CAEN – UFC) e Professora Adjunta da FACED (UFC).

alfabetizando a apropriação de diferentes práticas sociais de leitura e de escrita. O programa teve como referencial teórico básico o ideário pedagógico de Paulo Freire e a contribuição da psicogênese da língua escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

O que se pretendia era proporcionar aos alunos-alfabetizadores uma fundamentação teórica que os habilitasse a trabalhar essa nova perspectiva de alfabetizar de forma consistente e que desse uma base comum a esses alunos provenientes de diferentes cursos e, conseqüentemente, com formação diferenciada.

Nessa direção foi programado, para ser desenvolvido em 45 horas/aula, um curso intensivo (ver quadros em anexo) que visava discutir as idéias filosóficas e pedagógicas de Paulo Freire e buscar a articulação das mesmas com as experiências de alfabetização vivenciadas por Emília Ferreiro e Ana Teberosky.

Na primeira etapa a coordenação procurou sensibilizar os alunos-alfabetizadores para a proposta pedagógica de Paulo Freire e levá-los a experienciar, no próprio curso, relações pedagógicas nas quais educadores e educandos juntos buscassem se apropriar do conhecimento.

As idéias de Paulo Freire foram inicialmente lidas e discutidas com os futuros alfabetizadores. Analisou-se, por exemplo, como neste autor é visível a preocupação com o social, com o desvelamento da realidade. Para ele a educação deveria ser sempre instrumento de conscientização, de apreensão do real. A educação de que precisamos, disse repetidas vezes Paulo Freire, há de ser a que liberte pela conscientização. Assim, todo o trabalho em uma sala de aula deveria ter como objetivo maior favorecer a leitura do mundo.

Nesse sentido o curso de formação foi estruturado de tal maneira que os alfabetizadores se preparassem para ajudar os alfabetizando a se expressarem e a realizarem sua leitura do mundo não apenas através da oralidade, mas

também escrevendo sua palavra, sendo sujeitos de sua educação. O que se desejava era que eles compreendessem que entre educadores e educandos deve haver um relacionamento em que as pessoas sintam-se à vontade para se expressar, para revelar seus problemas e preocupações de forma franca e aberta. Em qualquer nível de escolaridade esse relacionamento dialógico deve ser um facilitador do processo de aprendizagem e conscientização. Sobre esta questão assim se expressa Paulo Freire:

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando-educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido. Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizandos assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem. (FREIRE, 1977, p. 49).

No curso intensivo as vivências em sala de aula foram conduzidas de modo a que os alfabetizadores fossem, pouco a pouco, aprendendo na prática a se despojar de papéis tradicionalmente atribuídos ao professor e ao aluno para compreender que, num enfoque freireano, é fundamental que exista uma busca conjunta do saber fundada na convicção de que há sempre muito o que aprender e que, numa sala de aula não há o que ensina e o que aprende mas sujeitos cognoscentes, em diálogo, na busca de aprendizagens significativas. Nas palavras do mestre:

É preciso sobretudo, e aí vai um desses saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito da produção do saber, se convença definitivamente que

ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 1996, p. 24-25).

Nesse enfoque desejava-se que a prática escolar fosse compreendida como um processo individual e social em que indivíduos singulares se desenvolveriam, se apropriariam do conhecimento com o objetivo de intervir também nas condições sociais, de melhorar sua real situação de vida. Pretensão demasiada sem dúvida, mas que apontava para questões mais amplas a serem perseguidas e discutidas.

O papel da professora, como deve ser, nessa perspectiva sócio-construtivista, consistia em proporcionar aos educandos oportunidade de reflexão, de releitura do contexto sociológico, de re-elaboração do código escrito, de compreensão das funções sociais da leitura e da escrita, mediado sempre, pela experiência de mundo, tanto da professora como dos alunos, em vista de uma interação maior entre prática pedagógica e experiência cotidiana, tornando, desse modo, a experiência de aprendizagem significativa e atraente para os alunos. (Socorro Silva, alfabetizadora)

Dando continuidade aos estudos realizados sobre Paulo Freire, procurou-se analisar a psicogênese da língua escrita, onde a questão do método de trabalho deixa de ser prioridade para ser visto em comunhão com o processo de aprendizagem do alfabetizando. Em outras palavras, a preocupação primeira nessa abordagem, passa a ser como o aluno aprende, como se manifestam os mecanismos de percepção da língua escrita. Como, na tentativa de se apropriar do código lingüístico, o sujeito elabora hipóteses.

Hoje, novas contribuições surgiram a partir das pesquisas de como o aluno aprende e Paulo Freire reconheceu a importância delas e da necessidade de recriar o seu método.

(...) Freire sempre afirmou que seu método deveria ser recriado e nos últimos anos de sua vida afirmava que o resultado das pesquisas de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky ampliava substancialmente a concepção de "como se aprende." (FEITOSA, 2005, p. 32-33).

O papel do alfabetizador é o de ajudar o alfabetizando a compreender o modo de funcionamento da escrita a partir do que ele já construiu, a partir de seu saber real. Há a exigência de um profundo respeito pelo aluno, por seu ritmo. Esse entendimento leva a uma prática de alfabetização totalmente nova, diferente, que supõe um conhecimento do alfabetizando e de seu contexto.

A minha atuação como alfabetizadora aconteceu com uma turma de adolescentes dos abrigos masculino e feminino da Fundação da Criança e da Família Cidadã – FUNCI, instituição mantida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza (...). Considero que foi uma turma muito especial que tinha como diferencial uma série de vivências de dificuldades sociais experienciadas pelos adolescentes, problemas como: conflito familiar e/ou na comunidade, uso de drogas, exploração de trabalho, exploração e abuso sexual, maus-tratos, abandono e outros, quase sempre regados de muita miséria. (...) Esses adolescentes sofrem constantemente discriminação e preconceito nas escolas, por parte de colegas, professores e funcionários em geral (...). Iniciei as aulas e a turma era muito heterogênea (...). Conclui que as atividades deviam ser bastante diversificadas, que atendessem às necessidades e despertassem o interesse de todos (...). É de muita importância estar sempre trabalhando com os adolescentes questões da realidade deles, da formação de valores sociais muitas vezes esquecidos e o fortalecimento da auto-estima, pois muitas vezes esses adolescentes já não conseguem imaginar que são pessoas capazes de aprender e realizar diversas coisas. (Rita de Cássia Cavalcante, alfabetizadora).

↙
A compreensão da real situação de vida do aluno e de suas possibilidades é de fundamental importância quando se pretende desenvolver um trabalho voltado para o ser humano que existe em cada aprendiz.

Paulo Freire defendeu coisas simples e fundamentais que, muitas vezes, passavam despercebidas aos que trabalhavam com educação nesse país. Dizia, por exemplo, que, se é certo que a educação sozinha não transforma a sociedade, seguramente esta última não mudará sem aquela. Ninguém em sã consciência poderá contestar semelhante afirmação. Com essa convicção, procurou-se durante todas as aulas do curso intensivo, favorecer um ambiente onde a análise dos textos trabalhados fosse uma constante, onde se pudesse transitar do particular para o geral e vice-versa, apontando assim para a necessidade de cada vez se compreender melhor a estrutura da sociedade em que se vive. O incentivo à participação e envolvimento de todos era consequência lógica da metodologia adotada, da condução do processo ensino-aprendizagem.

É importante que se diga que o respeito ao aluno está no centro do processo do aprender tanto na proposta freireana como na abordagem construtivista. Em ambas, a postura do educador é de um ouvir atento e respeitoso à pessoa a ser alfabetizada, considerando sua realidade de vida e seu ritmo de aprendizagem. O ponto comum das duas abordagens é, repita-se, o respeito ao alfabetizando como sujeito do processo de aprendizagem. Para Paulo Freire:

(...) enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito. O fato de ele necessitar da ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa dever a ajuda do educador anular a sua criatividade e a sua responsabilidade na construção de sua linguagem escrita e na leitura dessa linguagem. (FREIRE, 1984, p. 11-12).

Essas convicções ajudaram o citado educador a criar uma metodologia de alfabetização utilizada em vários países com muito sucesso. Enfatizando a importância do diálogo, do amor, do compromisso com a realidade, Freire defendia uma forma de trabalho que buscasse uma eficácia real na leitura da língua e da vida. No momento em que foi criado, na década de 60, era o que poderia existir de mais revolucionário, uma vez que partia da palavra, da voz do alfabetizando, através da pesquisa do universo vocabular e nos chamados círculos de cultura, para a busca conjunta da leitura da palavra e leitura do mundo, para a conscientização e suas conseqüências, preocupação inexistente na maior parte dos educadores até então.

As pressões da ditadura não conseguiram reduzir os efeitos desse ideário para a alfabetização e para a educação, de um modo geral, em nosso país ou fora dele.

Recorre-se às suas idéias sempre que se pretende empreender qualquer experiência séria de alfabetização. Assim foi feito no "Alfabetizar(se)". Procurou-se buscar, com os alfabetizadores, a melhor maneira de articular essas idéias à contribuição da psicogênese da língua escrita, através das pesquisas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. A forma como essas autoras encaram a linguagem é profundamente coerente com as idéias defendidas por Freire no encaminhamento das questões relativas à aquisição da leitura e da escrita.

Partindo de uma crítica aos modelos tradicionais de ensino, Ana Teberosky lista alguns princípios que caracterizam o enfoque construtivista:

O primeiro princípio construtivista (...) consiste em orientar as estratégias de ensino em função da convicção dos professores de que seus alunos não partem do zero, e sim que têm conhecimentos prévios construídos, a partir dos quais se devem criar pontes para as novas aprendizagens.

O segundo princípio consiste em propor problemas e tarefas relativamente exigentes e para os quais os alunos ainda não têm respostas (...)

O terceiro princípio consiste em oferecer ajuda ao aluno sobre como proceder. É importante levar sempre em consideração o ponto de vista do aprendiz e facilitar sua expressão através de perguntas que lhe permitam refletir.

O quarto princípio orienta a promoção de atividades conjuntas entre os alunos (...)

O quinto princípio apresenta o professor como modelo de interpretação e de produção de escrita, que transforma o escrito em objeto simbólico e explora toda sua riqueza cultural. (TEBEROSKY & COLOMER, 2003. p. 81).

No Alfabetizar(se), o grupo como um todo foi se inteirando, pouco a pouco, o quanto o respeito ao nível em que o aluno se encontrava, tão defendido por Ferreiro e Teberosky, era fundamental nessa tentativa de alfabetizar de uma forma nova e, principalmente, o quanto respondia ou se coadunava com as idéias pedagógicas de Paulo Freire. Estas duas educadoras mostraram através de várias pesquisas realizadas que o alfabetizando não comete erros, por exemplo, ao omitir ou trocar letras. Quando isso acontece, o professor deve compreender que o nível em que o alfabetizando se encontra não lhe permite ainda uma percepção do mecanismo da escrita em sua totalidade. Ele não evoluiu o suficiente para compreender a representação da linguagem. Esse entendimento por parte do alfabetizador, de diferentes níveis de percepção da língua escrita, possibilita um trabalho mais cuidadoso e paciente com o alfabetizando.

Os estudos e discussões realizados durante o curso intensivo visavam ir tornando claro para todos, como essa articulação se concretizaria, na prática de alfabetização. Na realidade, somente no dia-a-dia da sala de aula, essa conexão foi acontecendo de forma natural e coerente vencendo resistências e dificuldades, inclusive de alguns alfabetizadores.

Foi preciso muita vontade e determinação para estudar e executar essa experiência que para mim era inédita. No decorrer de nossa ação as dificuldades se tornaram presentes. No entanto, com a bagagem trazida de nossa formação, os obstáculos foram superados. A esperança nos alimentou nos dias de fastio que assolava nossa alma. As incertezas não foram suficientes para desalojar nossa determinação. O gosto pelas atividades que desenvolvíamos nos tornaria imunes ao total desânimo. Enfim, mostramo-nos seguidores de um ideal que nos deixou a esperança de um futuro melhor para nossos cidadãos. (José Carlos de Olanda, alfabetizador).

Nossas atividades de escrita eram interligadas à reflexão a respeito da vida concreta e simbólica dos indivíduos. A partir delas os educandos expunham suas concepções a propósito do mundo, do ser humano e da inserção deste na realidade; identificavam necessidades em suas vidas, manifestavam suas esperanças e desesperanças, demonstravam suas alegrias e tristeza, suas certezas e inseguranças. O método que adotamos gerou, inicialmente, estranhamento, tanto por parte dos educandos quanto dos demais professores e funcionários da escola, pois instigava a escrever até mesmo aqueles que desconheciam quase que completamente as letras e a associação entre som e escrita. Deparamo-nos com inseguranças e medos historicamente reforçados por um modelo de educação tradicional que priva os estudantes de empreenderem tentativas e esboçarem sua criatividade de maneira mais espontânea e crítica. (João Paulo Barros, alfabetizador).

Embora interesse aqui identificar os pontos de identidade entre as idéias dos autores que serviram de referencial teórico para o trabalho de alfabetização realizado, é justo estabelecer também algumas diferenças. Percebe-se, por exemplo, que quando Emília Ferreiro e Ana Teberosky falam nos portadores de texto, a preocupação manifestada é de preparar o alfabetizando para os desafios do cotidiano, dando a ele oportunidade de ler os mais diversos tipos de texto que aparecerão no dia-a-dia, nas situações da vida pessoal e de trabalho.

Em Paulo Freire, contudo, a escolha de material a ser lido, objetiva não somente facilitar a apropriação do código lingüístico mas contribuir para uma maior conscientização, uma maior compreensão da sociedade. A leitura então, deixa de ser apenas funcional para ser um instrumento valioso de desvelamento do real.

Aprender a ler e escrever se faz uma oportunidade para que mulheres e homens percebam o que realmente significa **dizer a palavra**: um comportamento humano que envolve ação e reflexão. Dizer a palavra, em sentido verdadeiro, é o direito de expressar-se e expressar o mundo, de criar e recriar, de decidir, de optar. (FREIRE, 1977, p. 49).

Dado o tempo previsto para o curso inicial – 45h/a – a coordenação procurou organizá-lo de tal forma que os alfabetizadores pudessem ler e discutir temas e textos que lhes ajudassem a desenvolver, posteriormente, um trabalho consciente e fundamentado no referencial teórico escolhido. A metodologia adotada – em que os estudos eram sempre confrontados com as experiências de vida e trabalho dos alfabetizadores – sinalizava para as possibilidades de um trabalho fundado no diálogo, na expressão das vivências dos envolvidos (ver quadros em anexo).

Que bom que o material escolhido foi significativo, as atividades propostas (especialmente a de pesquisa) nos aproximaram da realidade que iremos enfrentar em sala de aula.

Que bom que o curso não foi como eu pensei que seria – ensinando a alfabetizar. Não, ele nos ensinou a Alfabetizar(se). Foi um curso “humano” e não somente ideológico e metodológico.

Que bom que vivenciamos as atividades a serem desenvolvidas com os alfabetizando⁶.

⁶ Comentários de alfabetizadores sobre o curso de formação inicial.

Foi feito também um planejamento coletivo, discriminando-se objetivos, conteúdos, metodologia e avaliação, visando dar uma certa segurança ao alfabetizador na condução da experiência. Apesar disso, incentivava-se os alfabetizadores a fazer, cada vez mais, seus planejamentos individuais com vistas a uma maior autonomia de trabalho.

Ainda com o objetivo de auxiliar os alfabetizadores na condução de suas turmas apresentou-se um vídeo do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA) do Ministério da Educação – onde alfabetizadores comentavam suas experiências realizadas com adultos, num trabalho igualmente inspirado em Paulo Freire e conduzido levando em conta as pesquisas da psicogênese da língua escrita de Ferreiro e Teberosky. O vídeo mostrava também alfabetizadores com suas turmas em processo de ensino-aprendizagem e depoimentos de algumas coordenadoras sobre a experiência.

Dentre as idéias defendidas pelas professoras no referido vídeo é importante destacar que o trabalho era realizado a partir do entendimento de que não há adulto sem nenhuma experiência de escrita e que os níveis de evolução da escrita nas crianças, identificados nos estudos da psicogênese da língua escrita (escrita pré-silábica, escrita silábica, escrita silábico-alfabética e escrita alfabética) aparecem igualmente nos adultos. Em outras palavras, no domínio da escrita, os adultos também passam por níveis de compreensão, embora com algumas diferenças por já terem conhecimentos prévios de escrita.

Concluindo esse período de formação inicial, os alfabetizadores foram lotados em classes, apesar de inúmeras dificuldades, para o início do trabalho.

Em três dias por semana, durante três horas diárias, os alfabetizadores desenvolviam um trabalho em sala de aula com os alfabetizandos. No quarto dia, havia o encontro de todos os alfabetizadores com a coordenação para dar continuidade aos estudos e compartilhar as vivências

semanais de cada um em sala de aula. Realizava-se então uma troca de experiências, um relato em que cada um expressava suas dificuldades e sua forma de conduzir a classe, em geral muito heterogênea. Nesse momento, uns ajudavam os outros, incentivando e dando sugestões, dividindo material, enfim havia companheirismo e um relacionamento extremamente amigável que proporcionavam uma busca conjunta de conhecimento.

Os coordenadores tinham consciência de que, por pouco se ter utilizado registros de experiências de alfabetização congêneres, quanto mais os encontros semanais pudessem ser ricos e esclarecedores, mais se garantiria um trabalho consistente.

Nunca é demais lembrar que as leituras realizadas propiciavam reflexões sobre o trabalho de Paulo Freire, o construtivismo e as experiências de letramento. Cotidianamente, a coordenação e os alfabetizadores tentavam articular as idéias de Paulo Freire ao enfoque construtivista, no qual, o alfabetizando é visto no que ele sabe, desenvolvendo-se a partir daí um acompanhamento do seu processo de construção da escrita.

*A vida só é possível
reinventada.* (Cecilia Meireles)

Depois de alguns encontros, quando as turmas dos alunos já estavam razoavelmente bem integradas e organizadas, a coordenação iniciou as observações às salas de aula. Decidiu-se que os alfabetizadores a serem visitados seriam informados, antecipadamente, e que eles poderiam fazer o mesmo com seus alunos. A coordenação optou ainda, por fazer o acompanhamento do trabalho, em duplas, de forma que se pudesse trocar impressões no decorrer da própria visita e durante os comentários posteriores, no encontro semanal.

As aulas assistidas e as observações eram registradas e, posteriormente divididas com todos. A intenção foi

sempre a de ajudar os alfabetizadores a reavaliar suas práticas, de forma que se realçava os acertos, as posturas julgadas adequadas e se analisava criticamente as conduções a serem modificadas e aperfeiçoadas. Esses momentos nem sempre foram fáceis tanto para a coordenação quanto para os alfabetizadores. A aceitação das críticas se constituiu também em uma oportunidade de aprendizagem em que os criticados foram, pouco a pouco, compreendendo que era necessário muita humildade para reconhecerem as possíveis falhas, e serem capazes de repensar sua condução e, conseqüentemente, aprimorar seu trabalho. Os próprios alfabetizadores, ao longo do tempo, reconheciam que iam aprendendo com as observações feitas pela coordenação e pelos colegas e que suas práticas se beneficiavam.

Desde os primeiros momentos desse projeto, tive que aprender, ou re-aprender, a humildade: humildade de calar e escutar tudo o que pensava já saber, humildade para por os pés no chão e ver de perto a realidade que cerca os que ensinei, humildade para ouvir e aprender de quem nunca ouviu falar dos meus teóricos mais caros, humildade para saber e reconhecer que nem sempre acerto. Humildade, enfim, para me reconhecer alfabetizando, em construção. Tudo o que essas pessoas me ensinaram com suas falas, produções textuais e silêncios, valeram mais do que os livros que me mandaram ler um dia, pois aprendi com elas o sentido de ser aquilo que escolhi ser – um educador. (Francisco Glaydson Mathias, alfabetizador)

Nas muitas visitas feitas pala coordenação, ao longo da experiência, o que se observou com grande satisfação foi um ótimo relacionamento dos alfabetizadores com os alfabetizando, um clima de respeito e entusiasmo na sala de aula e uma atitude de acolhimento à coordenação por parte desses últimos. Não eram somente os alfabetizadores que se sentiam acompanhados e valorizados, os próprios alfabetizando demonstravam isso.

Falo com a maior sinceridade possível que não houve em nenhum momento até aqui, uma situação constrangedora entre os próprios alunos ou entre eles e eu. Criou-se, verdadeiramente, um clima familiar onde as relações de amizade se sobrepunham a qualquer outro sentimento. Não sei até que ponto posso ter contribuído para a formação de relações tão fraternais. Vejo como possível contribuição minha a idéia de tentar criar naquele espaço um clima de respeito, de amizade, onde professor e aluno seriam tratados de forma horizontal. (Kleber Rodrigues, alfabetizador)

Os encontros semanais eram encarados como mais uma oportunidade de se realizar uma aprendizagem reflexiva continuada. Foram convidados profissionais para expor e discutir temas previamente selecionados com os alfabetizadores, a partir do que eles julgavam ser seu maior interesse no momento. Assim, o professor Ozir Tesser falou sobre Estado e sociedade; a professora Mirtes Amorin sobre Cidadania e ética; a professora Rita Vieira sobre A construção da leitura e da escrita e as interações sociais no processo de alfabetização. Foi solicitado ainda, que se organizasse uma mesa-redonda onde os candidatos à prefeitura de Fortaleza pudessem apresentar suas propostas e realizar debates. Essas conferências foram proveitosas para todo o grupo do Alfabetizar(se), programa que privilegiou a qualidade e investiu na formação dos alfabetizadores.

Para finalizar vale dizer que o saldo do trabalho realizado junto aos alfabetizadores e aos alfabetizados foi positivo. Os dois objetivos básicos do programa foram atingidos, ou seja, os alfabetizadores conseguiram preparar-se para um trabalho de alfabetização numa nova perspectiva e os jovens e adultos envolvidos, realmente, se alfabetizaram. Evidentemente que, da mesma forma que os alunos em cada sala de aula iniciaram o processo de alfabetização com diferentes níveis de compreensão do mecanismo da língua escrita, ao final era nítida a diferença entre os resultados obtidos. Alguns estavam criando poemas enquanto outros ainda lutavam por um maior domínio da leitura e escrita.

*Caminhos não há
Mas os pés na grama
os inventarão (Ferreira Gullar)*

Reafirmando o que já se disse anteriormente, o relacionamento observado entre alfabetizadores e alfabetizados foi sempre amigável e respeitoso, podendo-se dizer mesmo que foi uma *marca* do programa. Além disso, o nível de envolvimento e satisfação dos envolvidos foi uma constante.

Não se pode deixar de mencionar a emoção contida em muitas falas de alfabetizadores ao relatarem momentos vividos em sala de aula e também a emoção vislumbrada nos olhos do jovem ou adulto que aprendeu a ler e a escrever. A coragem de recomeçar ou mesmo de iniciar o processo de aquisição da escrita, o fato de acreditar em suas próprias possibilidades de recuperar sua palavra representaram algo extremamente valioso.

Em uma sociedade cujas mudanças ocorrem em um ritmo vertiginoso, onde os avanços tecnológicos surpreendem a cada dia, a falta de domínio dos mecanismos de representação da leitura e da escrita é realmente injusta e inaceitável e leva o cidadão à inacessibilidade dos benefícios da tecnologia. O que representa então para os jovens e adultos envolvidos no programa a compreensão da língua escrita? O que significa a possibilidade de reconhecer os símbolos em uma sociedade letrada que fecha suas portas ao analfabeto? Como dimensionar a possibilidade do resgate da cidadania? A resposta a essas questões é um reafirmar da importância de programas que possibilitem ao povo a alegria da leitura da palavra e do mundo.

*Nenhum tempo é tempo
bastante para a ciência
de ver, rever.*

*Tempo, contratempo
anulam-se, mas o sonho
resta, de viver (Carlos Drummond de Andrade)*